

## 5.

### Considerações finais: vozes ressonantes

No decorrer da pesquisa foi feito um esforço no sentido de refletir e compreender o trabalho das mulheres negras em suas organizações. As questões centrais que orientaram a elaboração dessa dissertação foram às seguintes: compreender as diferenças entre os movimentos de mulheres e de mulheres negras; quais as relações entre os movimentos de mulheres negras, negro e de mulheres; como se deu o processo de constituição das organizações autônomas de mulheres negras, atentando para o processo de autonomia e autorrepresentação dessas mulheres, e também como as intelectuais/ativistas pesquisadas emitem suas opiniões e visões de mundo. Como elas se vêem? As organizações apareceram na pesquisa como um grupo não homogêneo, uma organização plural e heterogênea, com estrutura organizativa distinta, com ativistas de história, experiências e formações diversas.

Alguns relatos sugerem que as mulheres negras buscaram na arena política um espaço de representação, demarcando a especificidade da condição de negra em relação ao movimento negro e, principalmente, em oposição ao feminismo. Uma liderança entrevistada salientou que as organizações de mulheres negras compõem simultaneamente o movimento negro e o movimento feminista brasileiros, posicionando no interior de cada um deles os interesses específicos das mulheres negras.

Sueli Carneiro (2003) salienta que no contexto de constituição das organizações de mulheres negras houve a emergência do que a autora denominou de “enegrecimento do feminismo”. Essa expressão adquiriu grande importância e tornou-se uma palavra de ordem nessas organizações, passando a ser utilizada para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Na visão de Sudbury (2003), o ativismo das mulheres negras foi muito criticado, pois elas eram acusadas de incitar desavenças, rompendo a unidade dos movimentos de mulheres e negro.

A partir da década de 80, as organizações de mulheres negras foram se consolidando e conquistando espaços. Na visão da entrevistada Ana, o *protagonismo* das mulheres negras foi possível não por ressentimento dessas

mulheres em relação ao movimento negro ou ao movimento de mulheres. Mas pelo simples fato de que as mulheres negras se organizam desde sempre e essa autonomia já era uma demanda.

Como bem salientou Ochy Curiel (2002), o movimento de mulheres negras nasceu articulando raça, gênero, classe e sexualidade como categorias políticas para explicar as realidades das mulheres negras frente ao racismo, sexismo, classismo e heterossexismo. A concepção da interseccionalidade<sup>259</sup> é fundamental para compreender as especificidades das mulheres negras, pois esse conceito oferece ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades.

Apresentou-se a discussão acerca da igualdade e diferença, onde o discurso da diferença adotado pelas ativistas negras foi entendido como resultado de um processo de construção da identidade das mulheres negras. Como bem informou Sudbury (2003), a noção de identidades múltiplas e mutáveis permite uma autodefinição da “mulher negra” e que é meramente descritiva. Pensar identidade da mulher negra é pensar em identidades múltiplas, em relação com outras identidades, como a de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras. As identidades não devem ser pensadas separadamente, mas em suas multidimensionalidades, simultaneamente.

Ao longo da investigação foi possível observar como as mulheres negras, através de suas organizações se expressam, emitem suas próprias opiniões e visões de mundo por meio da produção intelectual e ação política. Entretanto, esse caminho vem sendo trilhado há tempos. Como bem salientou Jurema Werneck (2002), “São traços, sinais, idéias e passos que, sim, vêm de muito longe<sup>260</sup>”. Ou seja, muitas outras mulheres negras deram início a esse caminho, que as de hoje estão dando prosseguimento, e mais adiante outras mulheres negras continuarão a trilhar.

Contudo, a constituição e consolidação das organizações de mulheres negras não apagam as outras organizações, movimentos, outras lutas e histórias antecessoras, porém sugere uma maior visibilidade das mulheres negras como sujeitos políticos, traçando uma inscrição de si mesmas.

---

<sup>259</sup> Ver obras já citadas: Kimberlé (1991); Piscitelli (2008); Stolke (2006).

<sup>260</sup> Ver Werneck, (2002: 9).

No tocante a produção teórica das intelectuais/ativistas pesquisadas, houve um aumento significativo de publicações de artigos nas novas mídias, como blog, portal, Cadernos Geledés<sup>261</sup>; e Cadernos Criola, clippings, boletins, jornais, revistas. A maior parte das entrevistadas atua como organizadora e/ou autora de livros. As lideranças despontam como ativistas com ação reflexiva, com textos marcados por engajamento político e crítico. A escrita ocupa a agenda de trabalho dessas mulheres. Seus escritos abordam inúmeros temas, como questões raciais, de gênero, sexualidade, religiosidade, saúde, biopolítica, ação afirmativa, política pública, entre outros.

Por outro lado, observaram-se algumas críticas feitas às ONGs no que se refere ao fato delas concentrarem o foco nas arenas políticas nacionais e internacionais, distanciando-se das bases, das comunidades, das necessidades e interesses das mulheres locais. Segundo algumas entrevistadas, com a institucionalização e profissionalização das organizações de mulheres negras, as fundadoras/ativistas se viram gestoras de uma empresa. Com isso, as oficinas, as rodas de conversa, o trabalho de campo e as tarefas voltadas para a comunidade teriam ficado menos frequentes.

As intelectuais/ativistas negras das organizações pesquisadas buscam novas narrativas, novas possibilidades discursivas que retratam suas próprias experiências e traduzem também uma nova visão da sociedade brasileira. Essas narrativas funcionariam como uma autorrepresentação, como salientou Evaristo (2005), possibilitando uma intervenção política e social. Algumas intelectuais/ativistas entrevistadas consideram que seus trabalhos buscam denunciar e superar estigmas e entraves sociais prescritos historicamente, construindo um discurso próprio.

Na análise das trajetórias das entrevistadas, foi possível identificar alguns eixos de semelhança e outros de distanciamento. A educação surge nas narrativas como um projeto familiar, como um bem precioso, que revela um caminho para adquirir respeito e ascensão social. As lideranças entrevistadas passaram por diversas instâncias coletivas e movimentos sociais: negro, feminista, estudantil, partido político, sindicato, associação de bairro, entre outros. As diferentes

---

<sup>261</sup> No caso dos Cadernos Geledés, estes foram extintos na metade da década de 90, mas foram substituídos por publicações online no Portal Geledés. Ver site: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br)

trajetórias imprimiram pontos de vista diferenciados às hierarquias de gênero, raça e classe que se impuseram sobre as mulheres. (Santos, 2004:85).

Um ponto em comum observado entre algumas entrevistadas é o quanto elas afirmam que a vida pessoal é secundarizada, não podendo ser vivida plenamente no ativismo em geral, mas especialmente nas organizações institucionalizadas. As ativistas ficariam mais afastadas da esfera privada, em detrimento da luta política e do acúmulo de trabalho especializado. Nesse sentido, muitas revelaram que o esforço e a dedicação na luta política são sempre maiores do que as conquistas, mas, ainda assim, disseram acreditar que o ativismo vale à pena.

Ao atentar para as trajetórias das lideranças das organizações de mulheres negras Geledés e Criola. Percebeu-se que as organizações pesquisadas são distintas, mas que possuem alguns pontos em comum. Buscou-se mostrar o ambiente das organizações de mulheres negras sem mistificá-lo, pontuando as disputas por poder, representação, os desentendimentos e as negociações. Deve-se destacar que essas disputas são travadas no interior das organizações, mas também externamente. Nesse sentido, esses espaços não são apenas de consenso, mas também de conflito, de negociação, de articulação e de persuasão discursiva e política. Sendo assim, há forças discursivas que em um determinado momento podem vencer e, noutro, serem vencidas. Essas disputas podem resultar em mais união, ou, por outro lado, causar rompimentos, como nos casos mencionados de ativistas que saíram do Geledés e da Criola e fundaram outras organizações, como a ONG Fala Preta, em São Paulo, e Coisa de Mulher, no Rio de Janeiro<sup>262</sup>. Houve também ativistas que saíram das organizações pesquisadas e seguiram outros caminhos.

Outro ponto analisado nessa dissertação foi o processo de institucionalização das organizações autônomas. Uma das características percebidas foi a profissionalização das ativistas. Segundo os depoimentos das entrevistadas, elas foram impulsionadas a realizar um *fazer-aprendendo*, que difere da prática aprender-fazendo. No caso específico das intelectuais/ativistas

---

<sup>262</sup> O Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher - Cedocim é uma ONG fundada em 04 de Dezembro de 1994 por Neusa das Dores Pereira, fundadora e ex-integrante de Criola e outras mulheres negras. <http://www.coisademulher.org.br>. A Organização de Mulheres Negras - FALA PRETA!, foi fundada em 1997 por Edna Roland, fundadora e ex-integrante do Geledés e por outras mulheres negras. [www.falapreta.org.br](http://www.falapreta.org.br).

pesquisadas, não havia tempo para aprender a atividade e depois fazer, e praticar. Diferentemente, a demanda exigia um fazer, um realizar primeiramente, em que o aprendizado viria posteriormente com a prática. Com isso, as ativistas tiveram que atuar em várias frentes e realizar várias funções ao gerir suas organizações. Ou seja, essas mulheres tiveram que realizar as demandas das organizações institucionalizadas, se profissionalizando e aprendendo durante o processo.

As ativistas passaram por um processo de aprendizagem, de amadurecimento mútuo, como também buscaram estratégias de representação. O caráter de representação das organizações pesquisadas vai se consolidando, e é marcado pela constituição da Articulação de ONGs de Mulheres Negras. Deve-se destacar que as duas organizações pesquisadas, Criola e Geledés, fazem parte da AMNB<sup>263</sup>, sendo que a segunda atua na coordenação.

O recorte dessa pesquisa conduziu à observação de duas das mais influentes organizações no campo político e social. Ambas estão localizadas na Região Sudeste do país, nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, e possuem prestígio junto aos financiadores internacionais, tendo um posicionamento destacado no conjunto das organizações e do movimento de mulheres negras.

Nesse estudo, as mulheres negras pesquisadas se apresentaram como parte de uma intelectualidade afrobrasileira, encaixando-se na concepção de “*negras intelectuais*”, formulada por Sales Augusto dos Santos<sup>264</sup> (2008), e não “*intelectuais negras*”. Na visão do autor, *intelectuais negros* sempre existiram na academia brasileira, embora em pequena quantidade. Esses sofrem com o isolamento nos meios acadêmicos, pois raramente encontram pares em seus departamentos para discutir em profundidade as relações raciais no Brasil. Diferentemente, os *negros intelectuais* são raríssimos, por portarem uma “ética da convicção anti-racismo”, adquirida ou incorporada dos Movimentos Sociais Negros.

Desse modo, as lideranças entrevistadas seriam *negras intelectuais*, por serem tocadas diretamente por essa ética anti-racista, através da militância orgânica em alguma entidade negra anti-racista. Assim, as negras intelectuais teriam contato, diálogo e influência dos movimentos sociais negros e buscariam

---

<sup>263</sup> A AMNB - Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras foi fundada em setembro de 2000, atualmente é constituída de 27 organizações provenientes das diferentes regiões do Brasil. Ver site <http://www.amnb.org.br/index.htm>. acessado em 14 de agosto de 2010.

<sup>264</sup> Ver SANTOS, Sales (2008:11-12).

intervir diretamente na produção do conhecimento científico, em especial na área de relações raciais, questionando, revisando ou desconstruindo conhecimentos colonizadores e eurocêntricos.

De fato, esses trajetos vêm sendo trilhados há tempos, em outros contextos. Mas o momento é outro, as demandas e os desafios também. A luta das mulheres negras e suas vozes ressonantes tomam diversos contornos. Com o que foi apresentado aqui, é possível afirmar que a saga das mulheres negras, “*trilhando seu próprio caminho*”, é uma conquista, é uma história rica e complexa que, certamente, merece ser melhor conhecida e interpretada.